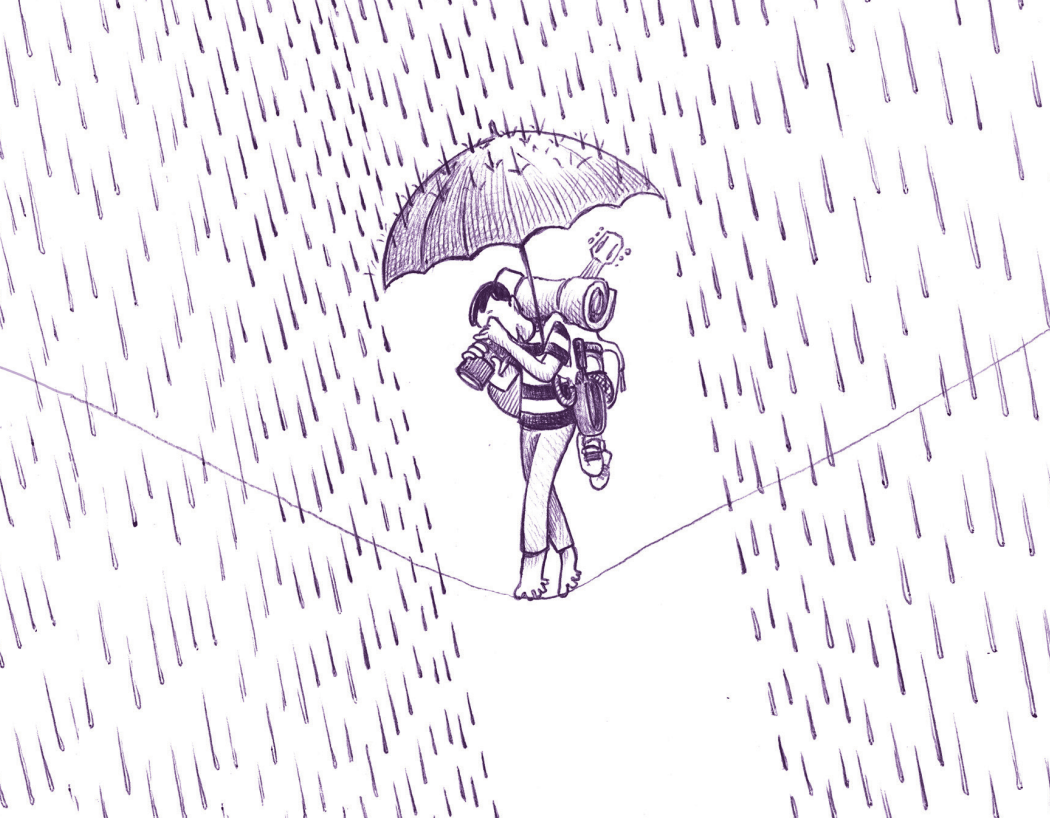




Marina Moreira Carrilho

PSICANÁLISE

A transferência irônica na esquizofrenia

Blucher

A TRANSFERÊNCIA IRÔNICA NA ESQUIZOFRENIA

Marina Moreira Carrilho

A transferência irônica na esquizofrenia

© 2025 Marina Moreira Carrilho

Editora Edgard Blücher Ltda.

Publisher Edgard Blücher

Editor Eduardo Blücher

Coordenador editorial Rafael Fulanetti

Coordenadora de produção Ana Cristina Garcia

Produção editorial Juliana Moraes e Andressa Lira

Preparação de texto Arianne Corrêa

Diagramação Thaís Pereira

Revisão de texto Lidiane Pedroso Gonçalves

Capa Laércio Flenic

Imagem da capa Dedê Paiva

Blucher

Rua Pedroso Alvarenga, 1245, 4º andar

04531-934 – São Paulo – SP – Brasil

Tel.: 55 11 3078-5366

contato@blucher.com.br

www.blucher.com.br

Segundo o Novo Acordo Ortográfico,
conforme 6. ed. do *Vocabulário Ortográfico*
da Língua Portuguesa, Academia Brasileira
de Letras, julho de 2021.

É proibida a reprodução total ou parcial
por quaisquer meios sem autorização
escrita da editora.

Todos os direitos reservados pela
Editora Edgard Blücher Ltda.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Heytor Diniz Teixeira, CRB-8/10570

Carrilho, Marina Moreira

A transferência irônica na esquizofrenia / Marina
Moreira Carrilho. – São Paulo : Blucher, 2025.
128 p.

Bibliografia

ISBN 978-85-212-2692-5 (impresso)

ISBN 978-85-212-2689-5 (eletrônico - Epub)

ISBN 978-85-212-2690-1 (eletrônico - PDF)

1. Psic análise. 2. Esquizofrenia. 3. Psiquiatria.
4. Ironia. I. Título.

CDU 159.964.2

Índice para catálogo sistemático:

1. Psic análise

CDU 159.964.2

Conteúdo

Prefácio	9
<i>Ivan Estevão</i>	
Introdução	13
1. Da esquizofrenia na psiquiatria clássica à esquizofrenia na psicanálise	33
2. Ironia e transferência	59
3. Ironia: entre a noção de fenômeno e ato	77
4. A ironia e sua forma própria de fazer laço	105
Conclusão	117
Referências	121

Prefácio

Ivan Estevão

Sabe-se que foi a partir da investigação da neurose histérica (sua etiologia, sua estrutura e ainda seu tratamento) que Sigmund Freud iniciou e avançou na construção da teoria psicanalítica e na sua concepção de inconsciente. Esse percurso pautou a tônica freudiana de investigação, mas a psicanálise sempre precisou ir além da neurose, tanto para pensar a própria neurose, como para estabelecer o campo da psicanálise e pensar as diversas formas de tratamento.

Nesse sentido, Freud também investiga as modalidades de psicoses e perversões, culminando em textos centrais, como a dupla “Neurose e psicose” e “Perda da realidade na neurose e psicose” ou, ainda, “O fetichismo” (Freud, 2016a e b/1924).

No que diz respeito à psicose, o autor constrói todo um arcabouço conceitual rico – uma teoria psicanalítica das psicoses –, mas dá notícias sobre a dificuldade de se postular uma clínica propriamente psicanalítica dela. Dessa forma, Freud deixa uma ponta solta que servirá de porta de entrada de Jacques Lacan na psicanálise.

Lacan, de formação médica psiquiátrica, tem de início uma ênfase diferente de Freud (que era neurologista). Nesse contexto, não está mais em questão de modo tão contundente a epidemia histérica do final do

século XIX, mas como a psiquiatria se vê às voltas com as propostas freudianas. Já com a produção freudiana em mãos, Lacan tem espaço para avançar na teoria e na clínica das psicoses. Ao postular a tríade dos registros real, simbólico e imaginário, o autor cria instrumentos para fazer a articulação dos fenômenos psicóticos – tão registrados e estudados pelos psiquiatras – com os fenômenos da linguagem, com os quais a psicanálise estava cada vez mais familiarizada.

Temos com isso um resgate da concepção de Freud à luz de um novo instrumental, que dialoga ainda mais com a antropologia (tendo Levi-Strauss e sua antropologia estrutural como um dos principais interlocutores), linguística, etologia, filosofia e sociologia, entre outros campos. Isso permite a Lacan, em *O seminário, livro III*, fazer toda uma reconfiguração da psicose retomando o icônico texto freudiano sobre Schreber e abrir as possibilidades de tratamento da psicose pela via da linguagem, o que encaminha para uma clínica propriamente psicanalítica da psicose.

Há em Lacan um avanço consistente da clínica das psicoses. Temos um arsenal de concepções novas que não descartam a produção freudiana, mas a ampliam. Entre elas, cabe destacar: a ideia de que os fenômenos psicóticos são em geral fenômenos de linguagem; a concepção de realidade e Grande Outro na psicose; a proposição da psicose como um tipo clínico que tem suas regras próprias – uma estrutura clínica; a relação do sujeito psicótico com os significantes, que permite sustentar a ocorrência de uma negação estruturante central na psicose, no caso, a forclusão; a existência de um significante específico e fundamental, que na psicose está foracluído, o Nome-do-Pai; a ética da psicanálise, que se mantém a mesma na clínica das estruturas; a possibilidade do analista ocupar o lugar de secretário do alienado; modalidades específicas de amarração dos registros (mais no final de seu ensino) que dizem respeito à psicose; operadores clínicos como a estabilização, suplência e o *sinthoma*. Essas são algumas das contribuições lacanianas para a clínica das psicoses, mas estamos longe de esgotar todas.

Entretanto, dizer que Lacan deixa uma clínica das psicoses pronta é um exagero e, tal qual Freud, temos no seu ensino muitas lacunas e pontas soltas. As pontas soltas nos servem como convites para investigações daquilo que está apenas esboçado e se algumas delas levam a becos sem saída outras são profícuas. No caso das psicoses, temos várias pontas soltas.

A ideia de que o sujeito psicótico institui e lida com o Grande Outro (um Grande Outro não castrado), permite-nos pensar as modalidades de transferência. Isso é de importância capital para a clínica, pois é justamente ali, no tipo de transferência estabelecida de cada analisante com seu analista, que a intervenção analítica pode ter seu efeito. Aqui entramos mais diretamente no livro de Marina Carrilho.

Carrilho detecta que há um trabalho extenso em torno da psicose, mas que quando caminhamos para alguns detalhes, as coisas vão ficando menos nítidas. Um desses detalhes é o que diz respeito à diferenciação entre os tipos de psicoses. Tanto Freud como Lacan dão claro destaque ao estudo da psicose paranoica, paradigma da estrutura psicótica. Isso deixa menos espaço para as considerações sobre a esquizofrenia. A pergunta então se desdobra em torno da transferência esquizofrênica: temos muitos indicadores clínicos e teóricos da transferência na paranoia, mas podemos dizer que o mesmo ocorre na esquizofrenia?

A aposta de Carrilho é de que podemos encontrar alguns pontos de especificidade da transferência na psicose esquizofrênica. Apoiada na hipótese de Miller, lapidada por Martín Alomo, Carrilho oferece subsídios sólidos para pensar a ironia como um efeito importante na transferência esquizofrênica.

Parece simples, mas não é, pois se trata de separar o que é a ironia como traço de personalidade da ironia como modo de resposta de um sujeito diante de elementos do real. Ou seja, algo que é mais da ordem

do estruturante do que do semblante. Isso dá à clínica da psicose – não só da psicose esquizofrênica, mas da psicose em geral – elementos que nos possibilitam distinguir as formas da transferência e precisar o diagnóstico. E, sabemos, a precisão diagnóstica ajuda – e muito – a pensar a direção do tratamento.

Nesse sentido, o trabalho de Carrilho se vê às voltas com a retomada da questão das psicoses e sua teoria, como se dá a apropriação por Lacan e como se fundamenta sua clínica. Mais que isso, ela precisa pensar a ironia para além de um efeito de linguagem ou das considerações filosóficas (que são muitas), mas sem deixar de pensar como esses dois componentes se encaixam na psicanálise e permitem suportar a ideia de uma transferência irônica. Por fim, a autora propõe a ironia como modo de enlaçamento social, ponto importante para se trabalhar a clínica da psicose e a direção do tratamento.

Marina Carrilho faz essa abordagem própria da teoria das psicoses, oferecendo subsídios ricos e consistentes que sustentam seu argumento central, o que traz uma contribuição inédita e forte para a clínica lacaniana das psicoses.

Introdução

Produzir conhecimento na área psicanalítica não é tarefa simples, principalmente no que diz respeito à psicanálise lacaniana. Não que sua teoria não implique estudos e efeitos de precisão muito interessantes, tanto na área social quanto clínica, mas, assim como já observado na experiência freudiana, muitas vezes aquilo que permite um salto de saber capaz de avançar a teoria está além de uma cena observável numa primeira análise. É preciso que se leia e releia a mesma frase, a mesma cena, muitas e muitas vezes para que as articulações passíveis a um mesmo dito se desdobrem em outros dizeres capazes de transformar uma mesma fala de repetições e alienação em algo mais próprio e singular. À medida que escrevia este livro, notei que a questão que permitiu as articulações levantadas aqui partiu de um antigo estardalhaço ante as experiências que tive relacionadas à psicose. O quanto essa possibilidade de existência esgarça todos os limites do que costumamos nomear como normal ou esperado, convida-nos a sempre repensar quais são os limites do humano e quais são aqueles possíveis de se desenvolver para construir uma ética do cuidado que inclua todos os sujeitos.

Em 2012, concluí a pesquisa de iniciação científica “Do conhecimento paranoico ao ‘retorno a Freud’: o percurso de Lacan da psiquiatria à psicanálise na teoria da psicose”, que me aproximou de uma compreensão das diversas modalidades de apresentação da paranoia como um dialeto específico dentro da estrutura de personalidade psicótica.

Já este livro se debruça um pouco mais sobre a esquizofrenia, e foi motivado pela leitura do livro *La elección irónica: estudios clínicos sobre la esquizofrenia*, do autor argentino Martín Alomo (2012), no qual se encontra uma proposição pouco usual referente à relação de transferência vivenciada no atendimento a pacientes esquizofrênicos: a presença de uma transferência de cunho irônico. Além de o termo ser uma novidade na área, ele produz a possibilidade de mais um elemento de escuta para a construção de um diagnóstico diferencial entre esquizofrenia e paranoia na psicopatologia psicanalítica. Ademais, a diferenciação entre essas categorias na psicopatologia psiquiátrica é um problema tão antigo quanto o seu nascimento enquanto clínica médica.

Desde o início de seu ensino, Lacan toma a paranoia como principal paradigma para a compreensão da estrutura clínica nomeada de “psicose”.¹ Na categoria das psicoses, encontram-se a melancolia, a paranoia e a esquizofrenia; por uma questão de escolha, neste livro não será trabalhada a localização nosográfica do autismo na psicanálise. Na psicopatologia psicanalítica de fundamentação lacaniana, a categorização da estrutura psicótica de tipo esquizofrênico, de forma diferenciada da paranoia, ocorre por meio de índices de linguagem na transferência, ou seja, dos lugares de onde o sujeito se enuncia perante o outro, produzindo laço social ou desenlaçamento.

O uso da palavra “esquizofrenia” na obra lacaniana é bastante pontual. Todavia, em um de seus textos – “Respostas a estudantes de

1 Em sua tese de doutorado publicada em 1932, a paranoia se apresenta como modo de organização de uma personalidade, enquanto que em seu terceiro seminário intitulado “As psicoses”, proferido nos anos de 1955 e 1956, a paranoia se apresenta como forma de estruturação de saber de si a partir do outro.

filosofia” (Lacan, 2003b) –, a ironia aparece como uma função que organiza as relações sociais na esquizofrenia como um modo de defesa. O psicanalista argentino Martín Alomo (2012) leva essa leitura a uma radicalidade última, afirmando que é possível escutar algo na transferência realizada por sujeitos que se estruturam ao modo da psicose esquizofrênica, que é similar à estrutura da ironia. Essa compreensão estrutural produz efeitos significativos na escuta e na direção do tratamento desse modo de se relacionar com o Outro.

Falar em função no ensino de Lacan ultrapassa muito o uso cotidiano dessa palavra. No texto “Função e campo da fala e da linguagem” (Lacan, 1998d) já é possível observar um uso do conceito de função relacionado ao arcabouço teórico da linguística estrutural. E quanto mais surgem avanços na teoria lacaniana, mais há proximidade do uso desse conceito à maneira de uma função matemática, algo que determina a relação entre termos específicos na teoria dos conjuntos.

Com relação ao tratamento das psicoses, muito já se avançou desde as primeiras formulações que a referiam como uma categoria psicopatológica. Nesse percurso, não apenas as formulações teóricas e saberes advindos da psicologia e da *práxis* psicanalítica têm tido relevância. A utilização de medicamentos como os psicofármacos tem sido de auxílio ao atravessar experiências de imensa angústia e sofrimento, como os delírios e as alucinações mais graves.

A psicose foi primeiramente grafada pelo alemão Feuchtersleben, em 1845, no *Jornal de Psiquiatria e Medicina Forense*, porém essa palavra surge como o nome de uma categoria clínica propriamente dita em 1892, quando Moebius divide as doenças mentais em psicoses exógenas e endógenas (Lopes, 2001). Mesmo sendo nomeada de outra maneira por autores da psiquiatria clássica francesa e alemã, como “processos mórbidos” e “delirantes”, por exemplo, é apenas no final do século XIX, na escrita de Kraepelin, Bleuler e Jaspers que se encontram as maiores descrições e classificações dessas categorias. Apesar da extensa literatura psiquiátrica publicada na época, não houve nesse período grande

avanço no que diz respeito aos métodos de tratamento das pessoas que apresentavam alguma dessas manifestações. A preocupação maior no final do século XIX e início do XX, em parte, restringia-se a catalogar os fenômenos observados nos ditos “alienados”, com o intuito de fundamentação e construção de uma nova ciência médica.

Apesar de a categoria “esquizofrenia” na psiquiatria ter sido cunhada por Bleuler com o intuito de marcar uma diferença em relação ao que ele observava na chamada *dementia praecox* – algo de uma divisão ou separação da mente –, foi sua aluna, Sabina Spielrein, que primeiro publicou o termo, no texto “Sobre o conteúdo psicológico de um caso de esquizofrenia (*dementia praecox*)” (Cromberg, 2014), desenvolvido como sua tese de doutorado pela conclusão do curso de medicina. A tese que foi defendida em fevereiro de 1910 e publicada em 1911 no terceiro número do “*Jahrbuch für Psychoanalytische und Psychopathologische Forschungen*”.

Iniciar a história do uso do conceito de esquizofrenia na psicopatologia psiquiátrica pela pena de Sabina Spielrein se faz necessário tanto por uma questão de justiça ao ato inédito de publicação do termo quanto por uma reparação histórica, uma vez que ela ficou muito mais conhecida por seu romance com Carl Jung do que por sua própria produção intelectual. A autora foi uma pioneira da psicanálise, ao produzir os fundamentos do conceito de pulsão de morte, assim como por seus apontamentos e direções de tratamento no transcorrer de sua pesquisa sobre esquizofrenia, que apresentam grande valor e precisão clínica, de forma a servir como caso didático e de boa conduta ética e metodológica ainda relevante na contemporaneidade.

Já Bleuler teve um interesse transitório pela psicanálise, porém sua aproximação com a criação freudiana teve imenso impacto em sua obra, principalmente na abordagem da demência precoce, segundo a categorização kraepeliniana.

Onde está a ironia? A pesquisa de Marina Carrilho mantém presente, em cada capítulo, a sustentação de uma postura curiosa e investigativa que vai além do tema da esquizofrenia, nos convidando a pensar também o lugar da transferência e, aos moldes socráticos, uma ética que considera a inconsistência do Outro – já que o riso é também concretização de sentido e forma de se fazer laço.

No grego, *eironéia* é a dissimulação ou pergunta que se faz ao interlocutor fingindo ignorância. Era o método socrático para confundir os sofistas com o objetivo de colocar em xeque a fragilidade de qualquer conhecimento, mostrando seu caráter de opinião ou leitura parcial da realidade: “Quando tiverem prática com o esquizofrênico, vocês saberão da ironia que o arma, atingindo a raiz de toda relação social” (Lacan em *Respostas a estudantes de filosofia*).

Vinícius Costa

PSICANÁLISE

ISBN 978-85-212-2692-5



9

7 8 8 5 2 1 2 2 6 9 2 5



www.blucher.com.br

Blucher



Clique aqui e:

VEJA NA LOJA

A transferência irônica na esquizofrenia

Marina Moreira Carrilho

ISBN: 9788521226925

Páginas: 128

Formato: 14 x 21 cm

Ano de Publicação: 2025
